

FREUD E A LINGUAGEM

Ivanaldo Oliveira Santos*

Resumo: O objetivo deste estudo é apresentar a discussão realizada por Sigmund Freud sobre a linguagem. Não se trata de um estudo de cunho psicanalítico ou terapêutico, mas de uma discussão que se enquadra nos estudos da linguagem. Como referencial teórico, cita-se Austin, Costa, Freud, Goepfert e Goepfert, Jones, Mezan, Rancière, Schneider e Searle. Conclui-se afirmando que, de um lado, Freud antecipou as pesquisas de linguistas como Jakobson e Sapir, e, de outro, em Freud encontra-se a linguagem que tem o poder de criar o real. Justamente uma perspectiva que será desenvolvida pela pragmática linguística na segunda metade do século XX.

Palavras-chave: Freud; linguagem; real.

■ O objetivo deste artigo¹ é apresentar, de forma simples e muitas vezes esquemática, a discussão realizada por Sigmund Freud sobre a linguagem. Entretanto, é preciso salientar que este não se trata de um estudo de cunho psicanalítico ou terapêutico, mas de uma discussão que se enquadra nos estudos da linguagem. Nas considerações finais, afirma-se que Freud, ao refletir, a partir da linguagem, sobre os dramas psíquicos humanos, antecipou as pesquisas realizadas, por exemplo, por Jakobson e Sapir. No século XX, esses pesquisadores incorporaram, em suas pesquisas, o caráter subjetivo da linguagem, justamente algo que está muito presente na obra de Freud.

De acordo com Schneider (1993, p. 31), no final do século XIX e início do XX, Freud, além de desenvolver pesquisas sobre o psiquismo, fez importantes discussões sobre a linguagem. Segundo essa autora, em um momento no qual os

* Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRGN). Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.

1 O artigo é parte de um estudo pós-doutoral realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP), no grupo de estudos "Escritura, Texto e Criação", durante no ano de 2011, sob orientação do Dr. Claudemir Belintane (USP).

estudos em torno da linguagem procuravam “reduzir o fenômeno da linguagem ao que eles podiam, o mais comodamente possível” e, com isso, enquadrá-la em algum conceito fechado e pouco explicativo, Freud procurou demonstrar que a linguagem é um fenômeno necessário para a realidade humana e, ao mesmo tempo, que o homem tem pouco domínio conceitual. Freud fez isso justamente em uma época em que a linguística não era reconhecida definitivamente como ciência e, por causa disso, não havia uma clara separação entre linguística e filosofia ou entre linguística e ciências humanas.

Para Goeppert e Goeppert (1983, p. 9), o interesse de Freud pelo “tema da linguagem aparece em seus primeiros escritos”, antes mesmo de publicar algum estudo sobre os fenômenos e problemas psíquicos.

Já no estudo *Sobre a interpretação das afasias*, Freud (1977) apresenta uma crítica às teorias sobre a linguagem desenvolvidas no final da segunda metade do século XIX e, por conseguinte, uma teoria da estrutura do que ele classificou de aparelho da linguagem e de aparelho psíquico.

Nesse estudo não se encontra o Freud pesquisador do psiquismo humano, mas, em grande medida, um “homem essencialmente orientado para a biologia” (GOEPPERT; GOEPPERT, 1983, p. 12) e que, por causa disso, está muito interessado em encontrar uma explicação biofísica para o fenômeno da linguagem. Uma explicação que, no “caso da linguagem, consiste na ligação que estabelece entre um certo tipo de neurônios e os de outro tipo” (GOEPPERT; GOEPPERT, 1983, p. 24).

É preciso esclarecer que, de acordo com Ernest Jones (1979), Freud nunca realizou pesquisas de cunho puramente especulativas, até mesmo ele considerava esse tipo de pesquisa um ramo da filosofia. Sobre esse tipo de pesquisa, Freud (apud JONES, 1979, p. 697) afirma: “a única sensação de satisfação que me dá é constatar que não tomo parte nesse lamentável desperdício de capacidade intelectual”. Por isso, Freud sempre procurou realizar pesquisas de cunho experimental que, de alguma forma, se aproximavam da medicina e da psiquiatria.

Esse tipo de preocupação encontra-se no estudo *Sobre a interpretação das afasias* (FREUD, 1977). Nele, Freud descreve o aparelho central da linguagem como uma região específica dentro do córtex cerebral, dentro das limitações da ciência do final do século XIX. Em suas palavras:

Só nos resta, pois, formular a hipótese de que a região cortical da linguagem seja um articulado tecido cortical dentro do qual associações e as transmissões em que se apoiam as funções da linguagem procederiam com uma complexidade não propriamente compreensível (FREUD, 1977, p. 62).

Em *Sobre a interpretação das afasias*, no entanto, Freud (1977) não se detém apenas na dimensão biofísica da linguagem. Ele vai além dessa dimensão e introduz a representação verbal como um elemento necessário para a compreensão da dimensão psicológica e cultural do ser humano.

Esse estudo torna-se importante por dois motivos: primeiro, nele se encontra uma tese que afirma que a chave para decifrar a linguagem passa pela pesquisa neurobiológica – uma tese que será aprofundada e até mesmo se transformará em moda no século XX –; segundo, Freud pressupõe que a linguagem não é um puro produto neurobiológico, mas que ela também é produzida e aperfeiçoada

pela dimensão psicológica e cultural. Esses dois motivos apresentam, de alguma forma, o caráter de antecipação dos estudos linguísticos traduzidos por ele. Nesse sentido, apesar de Freud não estar preocupado essencialmente em pesquisar sobre a linguagem, ele conseguiu produzir enxertos teóricos que foram discutidos e ampliados ao longo do século XX.

Ainda no estudo *Sobre a interpretação das afasias*, Freud (1977) procura descrever os componentes do que ele chama de *representação verbal*, ou seja, a representação que um indivíduo possui de uma palavra. Para ele, a representação verbal seria composta pelo som, e é preciso notar que toda palavra possui algum tipo de som; pelos elementos gráficos, a forma como a palavra é escrita; pela imagem mental, toda palavra possui uma forma de ser escrita, e, por isso, cria-se na mente humana uma imagem; e, por último, pela imagem psíquica, ou seja, as consequências psicológicas que a palavra acarreta para o indivíduo.

Nesse estudo, Freud não vai muito além dessa tentativa de descrição da representação verbal. No entanto, ele descarta que a formação da palavra esteja ligada a algum componente presente *a priori*, no cérebro, por exemplo. Para ele, a formação da palavra está “relacionada à representação do objeto” (GOEPPERT; GOEPPERT, 1983, p. 15). A relação que Freud (1977) faz, em *Sobre a interpretação das afasias*, entre a palavra e o objeto no mundo empírico é de cunho cultural. De acordo com ele, não há uma regra preestabelecida, pela razão ou pela natureza, de como serão configuradas as complexas relações entre as palavras e os objetos. Vale salientar que, em grande medida, são essas relações que, numa leitura de cunho freudiano, são as causas dos transtornos psicológicos.

A preocupação de Freud com a representação verbal não está limitada ao estudo sobre as afasias. Pelo contrário, ao longo de sua pesquisa e de sua produção teórica, ele retomará, por ângulos diferentes, essa preocupação. Por exemplo, no estudo publicado em 1915 sobre os processos inconscientes, pré-conscientes e conscientes, Freud (2006a) retoma a discussão sobre a linguagem apresentada no estudo sobre as afasias. No estudo publicado em 1915, Freud (2006a) está interessado, em grande parte, em apresentar sua preocupação de como os fenômenos mentais, causados pela dinâmica sociocultural, podem, de alguma forma, tornar-se conscientes. Dentro dessa preocupação, a linguagem emerge a partir de três eixos.

O primeiro é a construção sociocultural dos fenômenos mentais. Por mais que sejam efêmeros e difusos, esses fenômenos têm uma origem na sociedade e na cultura. Todavia, tanto sua constituição como sua *captura*, ou seja, o momento de se tornarem conscientes para o indivíduo só é viável por meio da linguagem. Por isso, a linguagem é um elo de criação dos fenômenos mentais e, ao mesmo tempo, de tornarem-nos conscientes para o indivíduo.

O segundo é a complexa passagem do nível inconsciente para o consciente. Freud se pergunta: como a consciência pode ter acesso, mesmo por meio de fragmentos, ao conteúdo latente que está no inconsciente? Essa é uma questão a que o próprio Freud nunca deu uma resposta definitiva e concludente, mas, para ele, esse acesso só é viabilizado, de alguma forma, por meio da linguagem. Segundo Freud (2006b), a linguagem é a *morada* da dubiedade, ou seja, por

meio da linguagem, o sujeito, o portador da língua, pode expressar algo que para ele é consciente, mas que, sem perceber, traz fortes elementos que estão no inconsciente. Quem esclarece mais essa questão é Walison Paulino Araújo da Costa (2010, p. 95-96). Em suas palavras:

A linguagem é uma atividade essencialmente subjetiva, por meio da qual o sujeito diz algo que pode ser completamente diferente do que acredita estar dizendo. É justamente nesse diferente onde reside, pertinentemente, a categoria de inconsciente. Assim, esse algo diferente nada mais é do que o inconsciente ins-tituído, o qual escapa na fala do sujeito, já que se encontra constitutivamente separado dele.

O terceiro e último eixo é a relação entre o sujeito portador da linguagem e o especialista e estudioso das relações entre a consciência e a inconsciência, ou seja, o terapeuta psicanalista, que também é portador da linguagem. Essa relação nem sempre é harmônica. Pelo contrário, é marcada por conflitos e dúvidas de ambos os lados. Todavia, Freud (2006b) demonstra que essa relação só pode chegar a algum tipo de entendimento para ambos os lados porque a linguagem possui um fator de compreensão, o qual não é totalmente acessível ao nível consciente. De um lado, o terapeuta psicanalista, por meio da linguagem, é capaz de ouvir e conseguir captar alguns elementos contidos no inconsciente e que emergem por meio do discurso do paciente. Trata-se de uma análise de forte interpretação psicolinguística. De outro lado, o paciente só consegue expor suas angústias e ouvir a fala clínica, oriunda do terapeuta psicanalista, porque a linguagem possui, entre seus vários atributos, a função mediadora e de catarse.

Já no estudo “O estranho”, publicado originalmente em 1919, Freud (1976a) afirma que só conseguiu realizar uma análise dos dramas psicológicos contidos na literatura após proceder a um exame do uso linguístico. Ou seja, após a leitura criteriosa e analítica de obras literárias, ele percebeu que certas personagens literárias, como Natanael do conto “O homem de areia”, do escritor alemão Ernst Theodor Amadeus Hoffmann, são construções essencialmente linguísticas, mas que possuem a capacidade de reproduzir e, até mesmo, de orientar e provocar dramas psíquicos.

Outro exemplo de como Freud retoma a preocupação sobre a linguagem é o livro em que trata da interpretação do sonho (FREUD, 2001). Nesse livro, ele apresenta um modelo de como funciona o psiquismo humano e compara esse modelo com a representação realizada pela linguagem. No seu entendimento, a linguagem é um *espelho* do psiquismo humano. Por meio da linguagem, é possível ter uma visão, mesmo que seja parcial e limitada, da psique. O grande exemplo trabalhado por Freud são os sonhos. De um lado, os sonhos são catalisadores do conteúdo presente no inconsciente; de outro, por meio da análise dos sonhos é possível uma visualização parcial desse conteúdo. No entanto, tanto o ato de sonhar como o de analisar os sonhos é caracterizado por meio da linguagem. É na linguagem que o inconsciente se apresenta e é por meio dela que ele traz para o nível consciente, para o espelho, um pouco do seu conteúdo interno e, com isso, possibilita a visualização por parte do sujeito e do terapeuta.

Outro momento da obra freudiana em que aparece a preocupação com a linguagem são os *Estudos sobre histeria* (FREUD, 1974). Assim como nas demais

produções teóricas de Freud, esse livro não trata diretamente sobre a linguagem, mas de manifestações e problemas do psiquismo. Nele, Freud aborda, entre outros temas, a questão de como a linguagem desempenha um papel de resposta e de catarse terapêutica aos dramas psíquicos. É interessante notar que, dentro dessa discussão, Freud irá propor uma explicação para a relação entre a linguagem e a ação humana que se aproxima da teoria dos atos de fala desenvolvida, por exemplo, por Austin (1975) e Searle (1984). Nas palavras do próprio Freud (1974, p. 19-20):

[...] o ser humano encontra na linguagem um equivalente do ato, equilavente graças ao qual o afeto pode ser redirecionado quase que da mesma forma. Em outros casos, são as próprias palavras que constituem em o reflexo adequado, por exemplo, as queixas, a revelação de um segredo que causa dor.

Na teoria freudiana, encontram-se duas funções da linguagem. De um lado, tem-se a linguagem como elemento que produz uma ação e, por isso, situa-se para além do lugar de origem da produção da expressão linguística. Com isso, a linguagem personifica o passado ou constrói o futuro. De outro lado, tem-se a linguagem em si mesma, como um instrumento de uma ação que pode ser, por exemplo, de uma confissão, de uma acusação, de uma injunção e/ou de outras formas. Nesse sentido é que a linguagem tem em Freud, para usar um termo cunhado por Austin (1975), um caráter *performativo*, ou seja, é quando a linguagem não é apenas uma forma de falar sobre um ato, mas ela mesma torna-se o ato.

Não se deve, no entanto, pensar que, em *Estudos sobre histeria*, Freud (1974) apresenta uma explicação definitiva sobre a linguagem. Pelo contrário, ele demonstra o caráter de ambivalência, de incompletude e até mesmo patológico da linguagem. Se, por um lado, a linguagem tem o poder de criar um ato, uma ação, de estabelecer as aspirações humanas; por outro, ela tem o poder de criar o trauma, a frustração e o sofrimento. A linguagem é uma espécie de Medusa, a personagem da mitologia grega que, ao mesmo tempo que seduz e causa dor, provoca alegria e sofrimento. É por causa disso que Schneider (1993, p. 18) afirma que, em Freud, não se “autoriza o otimismo terapêutico”. Isso acontece porque Freud descobriu, por meio de seus experimentos clínicos, que, em muitos casos, não é possível haver uma libertação do conteúdo traumático contido na linguagem. O motivo disso é que sempre que se tenta sair desse conteúdo, a própria linguagem o recupera novamente à superfície das discussões.

Já no artigo “O esquecimento de nomes próprios”, Freud (1976b) apresenta o caráter ambíguo, contraditório e personificador da linguagem. Para ele, o inconsciente pode, por meio da linguagem, mediante uma série de associações, as quais nem sempre são claras e conscientes, fazer que a consciência esqueça-se de um nome, de uma palavra.

De acordo com o próprio Freud (1976b), o objetivo em si não é esquecer ou apagar da consciência uma dada palavra, mas tentar apagar ou reter, em nível inconsciente, uma experiência traumática, dolorosa e até mesmo patológica. O problema, segundo ele, é que, de alguma forma, essa experiência foi causada e vivida pela linguagem. Por isso, tem-se o fenômeno contraditório da linguagem que tenta esquecer a própria linguagem. É ela que sofre com um trauma ou uma angústia psíquica que tenta solucionar o problema por meio do apagamento de uma fração da linguagem. E esse apagamento se dá por meio do ato inconsciente de causar o esquecimento de uma palavra.

O problema, segundo Freud (1976b), é que o conteúdo linguístico que está contido no inconsciente termina, por formas variadas, subindo à superfície, ou seja, passa para o nível consciente. A tentativa que o inconsciente faz de *esquecer* o conteúdo traumático e doloroso termina tendo pouco efeito, pois esse conteúdo chega até a consciência e novamente a dolorosa experiência linguística é lembrada, retomada ou revivida. No entanto, para ele, esse processo não é inútil, pois o tempo utilizado pelo inconsciente para que a consciência se *desligue*, ou seja, esqueça momentaneamente de uma palavra, é suficiente para que a experiência dolorosa possa ser retrabalhada em nível linguístico e, com isso, possa conviver com ela. Isso não significa que o conflito esteja resolvido, ou seja, que basta à consciência esquecer, por algum tempo, de uma palavra para o trauma psíquico ser resolvido. Esse trauma é apenas reconfigurado, deslocado, mas não exatamente resolvido.

Apesar desse caráter de inconclusibilidade presente na análise freudiana, na perspectiva dos estudos da linguagem é que todo esse complexo processo de efetivação de um trauma psíquico, e, por causa disso, tentar amenizar o seu conteúdo interno por meio do esquecimento de uma palavra dá-se por meio da linguagem. A linguagem está presente do início ao fim do processo.

Outro momento em que Freud demonstra a presença da linguagem dentro dos processos psíquicos é no estudo sobre o chiste. Para Freud (1978, p. 13-15), o chiste consiste no fato de que, “quando uma pessoa ouve um comentário do qual acha graça, é porque foi dado a esse comentário um sentido diferente daquele que deveria possuir”. Esse comentário acarreta a liberação da descarga de “certa magnitude de energia psíquica” (FREUD, 1978, p. 148), mais conhecida como *riso*.

Freud (1978, p. 11), no entanto, faz uma diferenciação entre o chiste e o puro cômico. É claro que o chiste tem uma dimensão cômica, pois um dos seus objetivos é fazer rir. Para ele, a diferença é que o puro cômico, encontrado, por exemplo, em programas profissionais de humor, tem como meta unicamente o ato de rir (FREUD, 1978, p. 99-100). Já o chiste, além do ato de rir, possuiu uma função de trazer para a zona da consciência elementos (obscenidades, desejos sexuais, palavras que sofrem sanções sociais etc.) que sofreram algum tipo de “censura da razão” (FREUD, 1978, p. 145) e, por conseguinte, foram reprimidos no inconsciente. Por causa disso, a grande função do chiste é trazer, mesmo que por alguns instantes, para a zona da consciência, o conteúdo reprimido e, com isso, provocar o “prazer verbal” (FREUD, 1978, p. 146).

A análise freudiana sobre o chiste, em sua essência, é uma análise linguística. O motivo é que, em Freud (1978), a origem do chiste está nos conteúdos linguísticos (palavras, frases etc.) que, por determinações socioculturais, são reprimidos no inconsciente e terminam, por diversos fatores, retornando à *superfície*, ou seja, à consciência, por meio de outro conteúdo linguístico (outras palavras, outras frases etc.) que provoca o riso. Semelhante ao processo de esquecer uma palavra, o chiste é um processo em que a linguagem se faz presente do início ao fim. Um processo fundamentalmente orientado na e pela linguagem.

Além de todas as reflexões sobre a linguagem na obra de Freud, é preciso ter em mente o que dois importantes intérpretes desse pesquisador afirmam sobre essa relação. O primeiro intérprete é Renato Mezan (1985, p. 141), para quem “Freud realiza uma sofisticada análise cultural”. Ele conseguiu demonstrar que os fenômenos psíquicos que afligem grande quantidade de sujeitos são, em cer-

to sentido, produzidos pelas diversas manifestações culturais. É por causa disso que Freud precisa ser visto não apenas como o *pai da psicanálise*, mas também como um pensador da cultura.

Mezan (1985, p. 139-140) cita como exemplo da importância da análise cultural realizada por Freud a famosa “teoria freudiana do Complexo de Édipo”. Nessa teoria, Freud conseguiu unir culturalmente os dois polos do Ocidente, ou seja, a Atenas do século V a.C. e a Europa do século XX d.C., especialmente a cidade de Viena, onde Freud produziu sua obra. Outra análise cultural que unifica o mundo antigo com o contemporâneo encontra-se em *Mal-estar na civilização*, em que Freud (2006b, p. 15-17) demonstra a “importância da cidade de Roma” para a constituição do Ocidente.

Por causa disso, afirma-se que poucos pensadores tiveram a capacidade de vislumbrar nas personagens e nos acontecimentos do mundo antigo a origem e uma possível explicação para os dramas do Ocidente contemporâneo. Nesse aspecto, a análise freudiana é paradigmática. No entanto, a análise cultural freudiana é fundamentada pela linguagem. A linguagem é o instrumento utilizado por Freud para encontrar e demonstrar que existe um elo cultural entre o mundo antigo e o contemporâneo, e que, dentro desse elo, estão contidos os grandes dramas da existência humana.

O segundo intérprete é Jacques Rancière (2009, p. 36-37), para quem Freud desenvolveu uma importante e singular interpretação de textos literários. A obra freudiana está carregada de ensaios que comentam e analisam autores da literatura universal, como Sófocles e Dostoiévski. Freud utilizou a linguagem para fazer uma interpretação terapêutica e, ao mesmo tempo, inovadora de personagens e de obras literárias. Por causa disso, na obra de Freud não existe apenas um inconsciente, como espaço para *guardar* o conteúdo reprimido, proibido e recalcado da consciência, mas um inconsciente que tem poder criativo, um inconsciente estético que se utiliza da palavra para recriar os fatos e as possibilidades de existência dentro da realidade. Sobre essa questão, Rancière (2009, p. 41) afirma:

O inconsciente [...] se manifesta [...], de um lado, na palavra escrita nos corpos, que deve ser restituída à sua significação linguageira por um trabalho de decifração e de reescrita; do outro, a palavra surda de uma potência sem nome que permanece por trás de toda consciência e de todo significado, e à qual é preciso dar uma voz e um corpo, mesmo que essa voz anônima e esse corpo fantasmagórico arrastem o sujeito humano para o caminho da grande renúncia.

Freud não é um pensador pessimista que vê apenas traumas e sofrimento dentro da vida humana. Além dessas dimensões, que não podem ser negligenciadas, ele encontra a possibilidade de refazer e recriar a existência. Essa possibilidade, para ele, é construída essencialmente pela linguagem. Assim, na perspectiva estritamente freudiana, a linguagem não é apenas a origem dos fatores que angustiam o ser humano, ela também é a possibilidade de superar a angústia, uma janela, uma porta que se abre para o devir, para o acaso e, com isso, uma oportunidade de se refazer a existência. É por causa disso que Lacan (1969, p. 134) encontra, na obra freudiana, “uma análise do tipo linguístico”. Essa análise ajudou Lacan (1979, 1985, 1998) a perceber o inconsciente e, por conseguinte, toda a dinâmica do psiquismo como uma estrutura fundamentada na e pela linguagem.

Não é possível ver Freud unicamente como um pesquisador da linguagem. Em grande medida, ele entrou para a história das ideias como psicanalista e terapeuta. No entanto, a obra de Freud traz, em seu interior, uma rica reflexão sobre a linguagem, da qual o presente estudo apresenta uma pequena fração.

Por fim, afirma-se que, ao refletir a partir da linguagem sobre os dramas psíquicos humanos, Freud, de alguma forma, antecipou as pesquisas realizadas, por exemplo, por Jakobson e Sapir. No século XX, esses pesquisadores incorporaram, em suas pesquisas, o caráter subjetivo da linguagem, justamente algo que está muito presente na obra de Freud. Não se pode, porém, afirmar que Freud seja um linguista. Ele é fundamentalmente um pesquisador da subjetividade. No entanto, sua reflexão sobre a subjetividade é alicerçada na e pela linguagem. Em Freud, encontra-se a linguagem que tem o poder de criar o real, justamente uma perspectiva que será desenvolvida pela pragmática linguística na segunda metade do século XX.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. Quando dizer é fazer. In: AUSTIN, J. et al. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- COSTA, W. P. A. da. *O(s) sujeito(s) na linguística e na psicanálise*. Brasília: Ícone, 2010.
- FREUD, S. *Estudos sobre histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. O estranho. In: _____. *Além do princípio de prazer e outros*. Rio de Janeiro: Imago, 1976a.
- _____. O esquecimento de nomes próprios. In: _____. *A psicopatologia da vida cotidiana e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976b.
- _____. *Sobre a interpretação das afasias: um estudo crítico*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- _____. *O chiste e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Delta, 1978.
- _____. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (1915-1916)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006a.
- _____. *Mal-estar na civilização*. São Paulo: Imago, 2006b.
- GOEPPERT, S.; GOEPPERT, H. C. *Linguagem e psicanálise*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- LACAN, J. Conversazione com P. Caruzo. In: CARUZO, P. *Conversazioni com Lévi-Strauss, Foucault, Lacan*. Milano: Mursia, 1969. p. 133-182.
- _____. *Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- _____. *O eu na teoria de Freud e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. Função e campo da fala e da linguagem. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-323.

- MEZAN, R. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RANCIÈRE, J. *O inconsciente estético*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- SCHNEIDER, M. *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud*. São Paulo: Escuta, 1993.
- SEARLE, J. R. *Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina, 1984.

SANTOS, I. O. Freud and the language. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 145-153, 2012.

Abstract: The aim of this study is to present the discussion held by Sigmund Freud on language. This is not a study of psychoanalytic or of therapeutic nature, but a discussion that fits within the language studies. As theoretical framework, we cite Austin, Costa, Freud, Goepfert and Goepfert, Jones, Mezan, Rancière, Schneider and Searle. We conclude by stating that, on the one hand, Freud anticipated the research of linguists like Sapir and Jakobson and, on the other hand, in Freud is the language that has the power to create reality. Exactly a perspective that will be developed by pragmatic language in the second half of the twentieth century.

Keywords: Freud; language; real.

Recebido em novembro de 2011.

Aprovado em janeiro de 2012.